



Vale a pena!

A fidelidade, uma força
que conquista o tempo

ANDRÉS CÁRDENAS MATUTE (ed.)

cadernos
VIDA CRISTÃ



Vale a pena!

A fidelidade, uma força
que conquista o tempo

ANDRÉS CÁRDENAS MATUTE (ed.)

VALE A PENA

Andrés Cárdenas Matute

© Gabinete de Informação
do Opus Dei

VERSAO 1

www.opusdei.pt

Índice

Introdução

1. Uma força que conquista o tempo
Espiral elevada entre dois
Teresa de Jesus e Jesus de Teresa
Fidelidade de filhos de Deus

2. Bendito aquele que confia no Senhor
Não como os outros deuses
Um Deus «rico em misericórdia e fidelidade»
Jesus é o cumprimento das promessas
Se não somos fiéis, ele permanece fiel

3. Para fazer do tempo um aliado
Uma fidelidade à base de conversões sucessivas
A falsa segurança do imediato
Os afetos ajudam-nos a conhecer a verdade
Despertar a nossa vocação ao amor

4. De geração em geração
Com a frescura do 2 de outubro de 1928
Para ser milícia, cuidar da família
Do deslumbramento ao amor
Aumentar a herança
Uma paternidade que continua

5. Na sua pureza original, na sua novidade radiosa
Deus continua a entregar-se aos homens
A frescura das origens
O discípulo fará obras maiores

INTRODUÇÃO

Fidelidade. Uma palavra que poderia parecer, à primeira vista, como uma tensão entre dois polos. Porque, por um lado, é evidente que nenhum grande projeto – como o da própria vida – pode existir sem a capacidade de manter uma direção ao longo do tempo. Mas, por outro lado, a própria palavra poderia evocar em nós, talvez devido a um certo mal-entendido sobre o seu verdadeiro significado, uma vaga ideia de imobilidade ou rigidez: como um escudo contra as novidades que a vida sempre traz consigo.

Jesus resolve esta tensão numa das parábolas do Evangelho, designando por «bom e fiel» cada um dos servos que, ao receberem um dinheiro do patrão que ia de viagem, não o escondem por medo, mas decidem correr o risco de sair para negociar com ele (cf. Mt 25, 14-30). De facto, estes servos conseguem acumular uma certa fortuna, embora no final da parábola vejamos que o Senhor pouco se importa com os números. A fidelidade que o Senhor elogia neles tirou o melhor partido destes dois polos: os servos realizaram um projeto ao longo do tempo, sem se furtarem à vertigem da história, investindo o que receberam na sua própria felicidade e na felicidade dos outros.

À luz da [carta pastoral do prelado do Opus Dei sobre a fidelidade de 19 de março de 2022](#), estas páginas abordam alguns âmbitos desta disposição do coração: partindo de uma perspetiva filosófico-teológica, e passando pelo sentido do termo na Bíblia, chegamos a alguns aspetos do desenrolar da vida pessoal e institucional ao longo da história.

O breve percurso pelos cinco capítulos que compõem este livro tem como objetivo transmitir a convicção de que viver a fidelidade, nas palavras que S. Josemaria costumava repetir, «vale a pena». Daí o título que reúne estas reflexões. Ser fiéis vale a pena, também porque vale todas as alegrias do caminho.

Andrés Cárdenas Matute (ed.)

[Voltar ao índice](#)

UMA FORÇA QUE CONQUISTA O TEMPO

«Quem não lança um olhar ao sol ao entardecer? Quem tira os olhos do cometa em explosão? Quem não dá ouvidos a um sino quando por algum motivo toca?». Deste modo refletia um poeta inglês do século XVII ao constatar que tantas coisas da nossa vida não são, na realidade, algo impessoal, como se surgissem de um acaso sem rosto. Convencido de que por detrás de tudo existe sempre alguém, um *outro* envolvido, uma relação, pelo menos de oferta, concluía: «Homem algum é uma ilha, só, completa em si mesma (...). Por isso, ouvindo tu o sino, nunca deves questionar-te por *quem* dobra ele; é sempre por *Ti* que ele dobra»^[1].

Espiral elevada entre dois

Quando se fala de *fidelidade*, pode-se discorrer em âmbitos; muito distintos. Mas o mais relevante é o que se refere à «relação entre as pessoas, no seu aspeto mais profundo do ponto de vista humano»^[2]. Todos formamos um tecido de relações: o que nos acolheu na nossa chegada ao mundo, e o que nos sustenta ao longo da nossa existência. Precisamos uns dos outros: «Por ser um animal social, um homem deve naturalmente a outro tudo aquilo sem o qual a conservação da sociedade seria impossível», diz S. Tomás de Aquino. E, se é verdade que o primeiro apoio de que necessitamos costuma ser de tipo material ou de sobrevivência, precisamos também de nos apoiar mutuamente no nosso caminho em direção ao futuro; precisamos de nos saber parte de uma mesma corrente que se espraia com esperança. Por isso, continua o santo: «A convivência humana não seria possível se uns não confiassem nos outros»^[3].

Mais que pela consciência da nossa dependência mútua, interpessoal, a época atual caracteriza-se por uma busca individual de autonomia; preferimos a ilusão de sermos totalmente autossuficientes a reconhecer-nos necessitados dos outros. Por isso, um primeiro obstáculo que devemos contornar ao falar de fidelidade são as atitudes que nos levam ao isolamento, e que encontramos em

maior ou menor medida dentro de nós. De facto, ainda mais no fundo, descobrimos que o nosso coração não se satisfaz com uma vida absolutamente autónoma, solitária: «nenhuma vida humana é uma vida isolada; entrelaça-se com as demais. Nenhuma pessoa é um verso solto»^[4].

Apesar de existirem algumas virtudes que não estão imediatamente envolvidas na relação com outras pessoas, como podem ser a fortaleza ou a temperança, existem virtudes que só acontecem nas relações. A fidelidade é uma delas, já que implica um movimento de ida e volta entre dois: pressupõe crer em alguém; crer que tem boas intenções para comigo. Pressupõe construir a própria vida sobre a convicção de que essa outra pessoa me estima agora e continuará a fazê-lo no futuro. Nesse sentido, a fidelidade nasce num primeiro momento no outro: não depende inicialmente de nós próprios. Uma virtude com estas características, como facilmente se pode entender, afasta-nos da ilusão da autossuficiência: convida-nos a uma abertura humilde que, como afirma o Papa Francisco, «encerra sempre uma parcela de risco e de aposta ousada»^[5]. Não obstante, dessa abertura pode surgir um movimento que, entre os dois, pouco a pouco, se eleva em espiral para uma vida partilhada e feliz. Quem entra nesta dinâmica da fidelidade está muito longe de ter chegado à quietude de um destino; pelo contrário, inicia a vertigem do que é vivo, o movimento de quem está a caminho. «A fidelidade é como uma força que conquista o tempo, não por rigidez ou inércia, mas de um modo criativo»^[6], e contando com que ao lado há alguém em quem confiar.

Teresa de Jesus e Jesus de Teresa

Ao aceder aos meios de comunicação, ao analisar uma sondagem ou ao refletir sobre as nossas próprias experiências, podemos sentir às vezes uma certa nostalgia da felicidade simples, mas autêntica, que traz consigo a fidelidade. Notamos a necessidade de que esta volte a brilhar no casamento, na família, na relação com Deus e, em geral, em qualquer tipo de relação pessoal^[7]. Para o fazer, contamos com a ajuda de Nosso Senhor, e também com o desejo de fazer o bem

que detetamos em tantas pessoas, e em nós próprios: uma fidelidade «que é livre correspondência à graça de Deus, vivida com alegria e também com bom humor»^[8].

Por vezes, tudo isto pode parecer-nos um desejo quase inalcançável, algo que está acima das nossas forças. E temos certa razão: cada pessoa, se só contar consigo, é fraca porque temos pés de barro; além de que a fidelidade só pode surgir entre dois. Mas é precisamente a experiência da nossa debilidade que evita que confiemos unicamente nos nossos bons desejos ou talentos. Vêm em nosso auxílio aquelas palavras de S. Paulo: «De tudo sou capaz naquele que me dá força» (Flp 4, 13). O Senhor, com o Seu amor que nos é dado antes de o podermos pedir, aconteça o que acontecer e façamos o que fizermos, entrega-se como fonte da nossa fidelidade a Ele e às outras pessoas.

No entanto, se pensarmos na experiência da fidelidade de Deus na nossa vida e na vida de tantas pessoas, podemos dizer que, sim, podemos confiar em nós próprios. Quantas vezes, talvez sobretudo em momentos difíceis, vêm à nossa memória recordações da confiança que o Senhor teve em nós, a começar pelo nosso nascimento – estarmos vivos é uma escolha sua –, continuando com o nosso batismo e com todas as vezes em que nos mostrou o Seu amor, a Sua proximidade e a Sua luz no nosso caminho. Embora a escolha de Deus tenha sido eterna, a confiança que depositou em nós vai-se realizando ao longo do tempo: no nosso interior vai amadurecendo a consciência que temos desse privilégio.

Quando, pelo contrário, queremos ser fiéis apenas com as nossas forças, quando criamos distâncias nessa relação que alberga a fidelidade, deixamos de experimentar a confiança em Deus. Então perdemos a memória dos dons recebidos, como aqueles vinhateiros que esqueceram que trabalhavam porque o dono saiu para os procurar, e não por méritos próprios (cf. Mt 21, 33-46). Concentramo-nos, então, no que é custoso e insuficiente dos nossos esforços. Pouco a pouco, podem ir aparecendo as queixas, breves escapes, a infidelidade no pequeno. Ou uma distância que pode

também insinuar-se de modo mais dissimulado na habituação à vida com o Senhor, numa luta que procura tranquilizar a consciência, na tibieza. Perde-se a novidade do outro, a surpresa do seu rosto, a criatividade que as relações pessoais requerem sempre.

Se podemos ser fiéis é porque Deus confia em nós. «O cristão nunca é um homem solitário uma vez que vive numa conversa contínua com Deus que está junto de nós e nos Céus»^[9]. Foi assim, neste ambiente de proximidade, que os santos foram fiéis. De Sta. Teresa de Ávila conta-se que um dia, quando estava no Mosteiro da Encarnação, ao descer pelas escadas encontrou um menino que lhe sorria. Surpreendida por ver um pequeno dentro do convento, perguntou-lhe: «E tu, quem és?». Ao que a criança respondeu com outra pergunta: «E quem és tu?». A santa, admirada, respondeu: «Eu sou Teresa de Jesus». E o rapaz, com um sorriso, disse-lhe: «E eu sou Jesus de Teresa».

Fidelidade de filhos de Deus

«A virtude da fidelidade está profundamente unida ao dom sobrenatural da fé chegando a ser expressão da solidez que caracteriza quem colocou em Deus o fundamento de toda a sua vida – escreve Bento XVI –. Na fé encontramos de facto a única garantia da nossa estabilidade (cf. Is 7, 9) e só a partir dela podemos também nós ser verdadeiramente fiéis»^[10]. Partindo desta fidelidade de Deus, que precede aquela que queremos para nós, podemos enunciar agora três âmbitos em que podemos fortalecer a nossa fidelidade: experimentar a alegria de pertencer ao Pai, em Cristo, como pessoas livres; tornar cada vez mais profunda a nossa identificação pessoal com a sua vontade, também pessoal, que é sempre um dom para nós; e viver a relação fraterna que surge entre aqueles que querem ser fiéis.

Primeiro, pertencemos a Deus; mas não como algo inerte, antes como seres vivos, pessoas livres, capazes tanto de amar como de se abrir ao amor de outro. E Deus também Se deu a nós pessoalmente, no Seu amor trinitário. Daí que desejemos conhecê-l'O cada vez mais para gozar, sofrer, trabalhar e nos relacionarmos com os outros,

sempre embebidos numa consciência viva da nossa filiação divina. Com esta chave interpretava S. João da Cruz o sonho da escada de Jacob: quanto mais subimos no nosso conhecimento e amor de Deus, mais descemos às profundidades da nossa alma^[11]. Conhecer cada vez mais Deus aproxima-nos de nós próprios, que somos obra das suas mãos; e conhecer melhor a sua criação, sobretudo em nós mesmos, pode encher-nos de assombro e de amor para com Ele. «Enamora-te e não O deixarás»^[12], escrevia S. Josemaria no último ponto de *Caminho*. O Bto. Álvaro complementava esta máxima, dando-lhe a volta: «Não O deixes e enamorar-te-ás»^[13]. Ao Senhor basta o nosso desejo de O seguir de perto, algumas vezes com pouco gosto, para infundir em nós renovados desejos de manter o nosso coração enamorado.

Em segundo lugar, sabemos que amar Deus é, na realidade, um caminho de identificação com Jesus Cristo, pelo que deixamos que frutifique em nós a sua confiança. Mas para o conseguir necessitamos d'Ele, porque ninguém pode chamar Pai a Deus nem se considerar seu filho, se não for em Jesus Cristo. Apesar de todos participarmos da mesma vida de Jesus, cada um fá-lo de forma pessoal. Deus concedeu-nos talentos e virtudes especiais a cada um; uma personalidade única, um modo de ver o mundo que é só nosso. A fidelidade de cada um a Deus não é algo uniforme, retirada de um molde, mas é pessoal, única, forjada na própria vida. Deste modo não faz sentido comparar-nos com ninguém nem sentir-nos julgados por alguém a partir de esquemas fixos. «A fidelidade é fidelidade a um compromisso de amor, e o amor a Deus é o sentido último da liberdade (...): “Tomai sobre Vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve (Mt 11, 29-30)”»^[14].

Por último, como filhos de Deus, somos todos irmãos; todos, portanto, participamos igualmente da sua paternidade divina: todos *damos uma mão* a Deus por sermos bons pais e boas mães dos outros. Na realidade, não podemos ser autores solitários da nossa

vida, mas somos coautores com aqueles que nos rodeiam: «cada um, cuidadosamente, desenha e escreve na vida do outro»^[15]; somos os protagonistas da nossa história e fazemos parte, por outro lado, dos outros, no grande livro da vida. Entende-se assim que a fidelidade daqueles que nos rodeiam depende da nossa; e vice-versa: para compensar a nossa debilidade, está a fortaleza dos outros. E esta atenção e cuidado, que começa pelas pessoas da nossa própria família, natural e sobrenatural, estende-se depois aos restantes membros da Igreja e de toda a humanidade. Uma vez que «de cem almas nos interessam cem»^[16], estamos dispostos a servir a todos aqueles que o Senhor coloca no nosso caminho. E é precisamente essa abertura do coração o que assegura a nossa fidelidade e a converte numa «força que conquista o tempo».

Antonio Malo

[1] John Donne, *Devoções para Ocasões Emergentes*, Meditação XVII.

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 1.

[3] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, c. 109, r. 1.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 111.

[5] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 132.

[6] Guillaume Derville, «*Uma fidelidade que se renova*», em www.opusdei.org

[7] É comum assimilar a «lealdade» à «fidelidade»; no entanto, a primeira não se baseia necessariamente na confiança fundada no amor de outro, mas em aspetos mais próximos da justiça; por isso, a «lealdade» nem sempre se refere à outra pessoa, mas também a ideias, valores ou instituições.

[8] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 4.

[9] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 116.

[10] Bento XVI, Discurso, 11/06/2012.

[11] cf. S. João da Cruz, *Noite escura*, II, 8, 5.

[12] S. Josemaria, *Caminho*, n. 999.

[13] Bto. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 19/03/1992, n. 50 (AGP, Biblioteca, P17).

[14] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 8.

[15] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 322.

[16] cf. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 9.

[Voltar ao índice](#)

BENDITO AQUELE QUE CONFIA NO SENHOR

«*Hi-fi*»: esta é uma das características fundamentais que esperamos de um dispositivo para ouvir música. A *high fidelity*, alta fidelidade, é garantia de que o som que se reproduz se aproxima muito do original. O objetivo, tanto de quem reproduz como de quem escuta, é poder ter contacto com o som inicial, com a primeira gravação, sem a alterar. A fidelidade é entendida como exatidão, como a capacidade de manter algo intacto.

No entanto, na cultura do antigo Médio Oriente, onde teve lugar a revelação de Deus ao povo de Israel, a maneira de compreender a fidelidade tem algumas nuances diferentes. A fidelidade não se associa à precisão, mas a outros aspetos como a solidez, a estabilidade ou a permanência ao longo do tempo; a confiabilidade, a lealdade e a veracidade. E, na linguagem bíblica, a fidelidade também está estreitamente vinculada à misericórdia paternal de Deus, um âmbito em que não faz muito sentido falar de exatidão.

Não como os outros deuses

Se procurarmos na Sagrada Escritura uma definição completa de fidelidade, não a encontraremos. Pelo contrário, se consultarmos os livros sagrados perguntando-nos sobre quem é fiel, tanto o Antigo como o Novo Testamento respondem-nos de maneira categórica: fiel é Deus (cf. Dt 32, 4; 1Cor 1, 9; 1Ts 5, 24 e outros). Mas, o que quer dizer que Deus é fiel? Porque é que a Bíblia sublinha tanto a fidelidade do Senhor?

Por um lado, o Deus de Israel é fiel em contraste com os deuses dos povos vizinhos. «Deus é o fundamento da esperança, não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim»^[1]. Os mitos pagãos mostram-nos deuses que se comportam de forma volúvel e caprichosa; umas vezes são bons, outras vezes são maus... Nunca se sabe como vão reagir, de modo que não é sensato confiar neles. No Egito e na Mesopotâmia, por exemplo, era frequente representar os deuses com forma de touro,

leão, águia, dragão ou de outros animais. O culto a estas divindades estava impregnado de atitudes que se assemelham ao que faríamos diante de um animal ameaçador: satisfazer a sua fome, acalmar a sua cólera ou simplesmente não interromper o seu descanso.

Não é assim que sucede em Israel. A lei mosaica proíbe representar o Senhor com figuras de qualquer tipo (cf. Ex 20, 4; Lv 19, 4). O Deus de Israel aceita sacrifícios e oferendas, mas não o faz por ter necessidade ou por o seu ânimo depender disso (cf. Sl 50, 7-15; Dt 14, 1-27). Que o Senhor seja fiel, em contraste com os falsos deuses, significa que não é caprichoso nem inconstante; significa que podemos intuir, de alguma forma, como vai atuar. Ao mesmo tempo, esta fidelidade não implica que o Senhor siga um padrão uniforme de conduta ou que o seu modo de intervir na história seja repetitivo. Deus é livre, transcendente e soberano, é «todo o movimento, toda a beleza e toda a grandeza»^[2] e como tal a sua fidelidade à aliança não exclui a novidade (cf. Is 43, 16-19). Pela boca do profeta Isaías, o Senhor adverte-nos de que nos pode surpreender ou desconcertar: «Os meus planos não são os vossos planos, os vossos caminhos não são os meus caminhos – oráculo do Senhor –. Tanto quanto os céus estão acima da terra, assim os meus caminhos são mais altos que os vossos, e os meus planos, mais altos que os vossos planos» (Is 55, 8-9). Deus salva uma vez e outra o seu povo, mas não o faz sempre da maneira que o seu povo espera. «Ele pode sempre, com a sua novidade, renovar a nossa vida e a nossa comunidade (...), ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, a proposta cristã nunca envelhece»^[3].

Além dessa diferença, um desvio frequente da relação dos homens com Deus é o de querer controlá-lo ou usá-lo ao nosso critério. Por isso, a adivinhação e outras práticas semelhantes estavam severamente proibidas em Israel (cf. Lv 19, 26.31). Que Deus seja fiel à sua palavra não quer dizer que a sua maneira de se comportar seja sempre idêntica e, portanto, previsível e controlável por parte dos homens. Podemos estar certos de que nunca deixará de nos amar, apesar de muitas vezes não sabermos como se vai manifestar este amor. A sua lógica excede sempre a nossa. Por vezes

pode dar-nos mais do que tinha prometido ou pode cumprir uma profecia de uma forma inusitada. A fidelidade, em particular a de Deus, «não tem nada de estéril nem de estático; é criativa»^[4].

Um Deus «rico em misericórdia e fidelidade»

A Bíblia afirma que o Senhor é fiel, em contraste com os falsos deuses dos povos vizinhos; apesar de, na realidade, o texto sagrado o afirmar sobretudo em contraste com os seres humanos: «O Esplendor de Israel não mente nem se arrepende, pois não é um homem para se arrepender» (1Sm 15, 29). Ao contrário daquilo que constatamos pela nossa experiência humana habitual, o Senhor diz sempre a verdade; não se retrata das suas promessas: «Deus não é homem para mentir; um ser humano que procure consolação. Porventura Ele diz e não faz? Promete e não cumpre?» (Nm 23, 19). Só Deus é absolutamente firme e confiável; só junto a Ele se pode construir com a segurança de não ficar defraudado. Por isso, «enquanto tudo é passageiro e mutável, a Palavra do Senhor não é passageira. Se as vicissitudes da vida nos fazem sentir desorientados e todas as certezas parecem abaladas, temos uma bússola para encontrar a orientação, temos uma âncora para não ir à deriva»^[5].

Conta o livro do Êxodo que, depois do pecado do bezerro de ouro, Deus renovou a aliança com o seu povo no monte Sinai. Antes de entregar a Moisés pela segunda vez as tábuas da lei, Deus passou em frente dele e exclamou: «Senhor! Senhor! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade» (Ex 34, 6). Estas palavras costumam ser consideradas como uma segunda revelação do nome de Deus, depois da que tinha acontecido um tempo antes, também com Moisés. Encontramos esta descrição de como é Deus repetida, com pequenas variantes, em outras sete passagens, em diversos livros do Antigo Testamento^[6]. Por isso diz S. Josemaria: «Se lerdes as Santas Escrituras, descobrireis constantemente a presença da misericórdia de Deus (...). Que segurança deve produzir-nos a comiseração do Senhor!»^[7].

No entanto, Israel sabe que o seu Senhor é compassivo e fiel não apenas porque o tenha dito a Moisés no Sinai, mas sobretudo porque

o povo o comprovou na sua própria história, na sua própria pele. Deus manifestou a sua fidelidade não apenas declarando-a, mas revelando-a nas suas obras. «Senhor, Tu és o meu Deus. Exaltar-te-ei e celebrarei o teu nome, porque realizaste maravilhas, projetos antigos, firmes e seguros», diz o profeta Isaías (Is 25, 1). Israel é testemunha, uma e outra vez, de que a misericórdia de Deus não desaparece perante as infidelidades humanas. «O Senhor é bom! O seu amor é eterno! É eterna a sua fidelidade» (Sl 100, 5), canta o salmista. «Hei de cantar para sempre o amor do Senhor; a todas as gerações anunciarei a sua fidelidade» (Sl 89, 2).

No *Magnificat*, Santa Maria expressa também este modo de ser de Deus, tão claro para quem se aproxima da história sagrada. A mãe de Jesus glorifica Deus por ter posto os olhos na sua humildade, por ter feito n'ela maravilhas, «lembrando a sua misericórdia, como tinha prometido aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre» (Lc 1, 54-55). Dizia S. João Paulo II que este cântico «é verdadeiramente teológico porque revela a experiência do rosto de Deus feita por Maria»; no *Magnificat* «Deus não só é o Poderoso, para Quem nada é impossível, como tinha declarado Gabriel (cf. Lc 1, 37), mas também é o Misericordioso, capaz de ternura e fidelidade para com todo o ser humano»^[8].

Jesus é o cumprimento das promessas

A fidelidade é um atributo que define Deus na sua relação com os homens, especialmente com o seu povo em virtude da aliança. Para descrever a força desta aliança, os profetas recorrem a algumas imagens. Uma delas é a do matrimónio, que encontramos desenvolvida sobretudo nos livros de Oseias, Jeremias e Ezequiel. Esta imagem salienta a misericórdia do Senhor que está disposto a perdoar e a restabelecer a aliança apesar das repetidas infidelidades de Israel. Outra imagem é a da paternidade e maternidade. O livro de Isaías utiliza-a várias vezes, de maneira comovente, para sublinhar como Deus não abandonará nunca o seu povo: «Sião dizia: “O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim”. Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto

das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos» (Is 49, 14-16).

Jesus recolhe toda esta herança de fidelidade e de misericórdia, expressa no Antigo Testamento, para revelar a continuação dessa ação divina na sua pessoa. Assim, por exemplo, faz-se eco daquele oráculo em que Isaías nos recordava que Deus nunca nos esquece: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas, e tu não quiseste» (Mt 23, 37). Jesus Cristo fica triste com a rebeldia dos homens, a sua dureza de coração, perante a insistência – a fidelidade – do amor de Deus.

Também, inspirando-se num trecho do profeta Isaías que apresenta Israel como a vinha do Senhor (cf. Is 5, 7), Jesus resume a história da fidelidade de Deus perante a infidelidade humana com a parábola dos vinhateiros homicidas (cf. Mc 12, 1-12). Depois de sucessivas tentativas, através de vários servos, para receber os frutos que lhe correspondiam, o dono da vinha decide enviar o seu filho, como último recurso. Mas os vinhateiros matam-no. Da mesma maneira, a vinda de Jesus, o Filho único de Deus, e a sua morte na cruz levam «até ao extremo» a fidelidade e misericórdia do Deus de Israel (cf. Jo 13, 1). Depois de O enviar para que morresse por nós e de elevar a sua humanidade ressuscitada sobre toda a criação, Deus já não pode fazer nada de maior (cf. Heb 1, 1-4).

Na sua pregação do Evangelho, os apóstolos mostram uma viva consciência de que o mistério pascal de Cristo – a sua paixão, morte e ressurreição – é precisamente o cumprimento da fidelidade de Deus às suas antigas promessas. Jesus é «o Ámen, a testemunha fiel e verdadeira» (Ap 3, 14), diz-nos o livro do Apocalipse. Na segunda carta de S. Paulo aos Coríntios, encontramos a declaração mais explícita a este respeito: «Mas Deus é testemunha de que a nossa palavra dirigida a vós não é “sim” e “não”. Pois o Filho de Deus, Jesus Cristo, aquele que foi por nós anunciado entre vós, por mim, por Silvano e por Timóteo, não foi um “sim” e um “não”, mas

unicamente um “sim”» (2Cor 1, 18-20). Esta convicção passou para a fé da Igreja que proclamou constantemente Jesus como o fiel cumprimento de tudo quanto Deus tinha prometido (cf. 1Cor 15, 3-4).

Se não somos fiéis, ele permanece fiel

Numa passagem da Carta aos Romanos, S. Paulo fala daqueles que não acreditaram em Cristo durante a sua passagem pela terra, e põe o foco na grandeza do Senhor: «Irá, porventura, a infidelidade deles anular a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma!» (Rm 3, 3-4). Em Deus podemos pôr a nossa confiança de maneira plena. «Uns confiam nos seus carros, outros nos cavalos; nós, porém, confiamos no Senhor, nosso Deus» (Sl 20, 8), diz o salmista. «Pois quem é Deus senão o Senhor? Quem é um rochedo, senão o nosso Deus?» (2Sm 22, 32), diz o Rei David. Só de Deus se pode afirmar que é o Rochedo onde apoiar-se sem medo e procurar proteção. A aplicação a Deus do termo «Rochedo» é tão frequente no Antigo Testamento^[9] que às vezes se diz simplesmente «o Rochedo» e se entende que se está a falar d’Ele.

Ao insistir na fidelidade de Deus, em contraste com a inconstância dos homens, pode parecer que a Sagrada Escritura não deixa muito espaço à fidelidade humana. Mas mais do que de uma visão pessimista sobre as nossas forças, trata-se de uma afirmação realista e profunda sobre a nossa pequenez perante o seu poder. Assim se compreende melhor este duro oráculo transmitido por Jeremias: «Isto diz o Senhor: maldito aquele que confia no homem e conta somente com a força humana, afastando o seu coração do Senhor. Assemelha-se ao cardo do deserto; mesmo que lhe venha algum bem, não o sente, pois habita na secura do deserto, numa terra salobra, onde ninguém mora. Bendito o homem que confia no Senhor, que tem no Senhor a sua esperança. É como a árvore plantada perto da água, a qual estende as raízes para a corrente; não teme quando vem o calor, e a sua folhagem fica sempre verdejante. Não a inquieta a seca de um ano e não deixará de dar fruto» (Jr 17, 5-8).

A lição que advém desta passagem, como de outras, é de que o ser humano não pode ser fiel no mesmo sentido em que Deus o é. A resposta humana à fidelidade do Senhor não é uma conduta irrepreensível, sem fissuras, mas é a fé (cf. Gn 15, 6; Heb 11, 1). De facto, em hebraico utiliza-se o mesmo verbo para dizer que Deus é fiel e para dizer que um homem crê n'Ele. O Novo Testamento chama «fiéis» àqueles que acreditam em Jesus Cristo e O seguem (cf. At 10, 45). Aquilo que o Senhor espera de nós não é que sejamos firmes e sólidos como Ele, o que seria impossível, mas que depositemos n'Ele toda a nossa confiança, como o fez Maria e como o fizeram os santos, «porque aquele que fez a promessa é fiel» (Heb 10, 23). E, sobretudo, o Senhor quer que reconheçamos as nossas ofensas e lhe peçamos perdão. «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós próprios e a verdade não está em nós – refere a primeira carta de S. João –. Se confessamos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a iniquidade” (1Jo 1, 8-9). Apesar de sermos pecadores, o Senhor nunca nos deixa sós. «Se formos infiéis, Ele permanece fiel, pois não pode negar-se a si mesmo» (2Tm 2, 13).

«A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa»^[10]. Por isso, «a fé na fidelidade divina dá força à nossa esperança, apesar de que a nossa debilidade pessoal nos leve por vezes a não sermos totalmente fiéis, em pequenas coisas e, talvez nalguma ocasião, nas grandes. Desse modo, a fidelidade consiste em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo»^[11]. O importante é voltar sempre a quem cumpre a promessa, regressar com fé ao Rochedo que nos espera sempre.

Juan Carlos Ossandón

[1] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 31.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 190.

[3] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 11.

[4] Bento XVI, Homilia, 12/09/2009.

[5] Bento XVI, Angelus, 12/12/2010.

[6] cf. Nm 14, 17-18; Dt 7, 9-10; Sl 86, 15; 145, 8; Jl 2, 13; Jn 4, 2 e Na 1, 3.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 7.

[8] S. João Paulo II, Audiência, 06/11/1996.

[9] cf., por exemplo, Dt 32, 4; 1Sm 2, 2; 2Sm 22, 2; Sl 19, 15; 28, 1; 71, 3; Is 17, 10; Hab 1, 12; e outros.

[10] Francisco, Homilia, 15/04/2020.

[11] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022.

[Voltar ao índice](#)

PARA FAZER DO TEMPO UM ALIADO

Às vezes basta ler algumas páginas da vida de Jesus para sentir com Ele a alegria e o cansaço de evangelizar. Como aquele dia em que tinha multiplicado os pães e os peixes para alimentar milhares de pessoas. Depois, essa mesma noite, aproximar-se-ia da barca dos discípulos caminhando sobre a água; e, finalmente chegados a Genesaré, curaria todos os doentes (cf. Mt 14, 13-36). Para aqueles que seguiam Cristo essas devem ter sido jornadas inesquecíveis. O seu amor e o seu poder enchiam os corações das pessoas simples, de quem se deixava interpelar pela novidade que tinham diante dos olhos. Mas também lemos que isto não acontecia com todos. Precisamente nesses mesmos dias, alguns líderes religiosos, aparentemente preocupados pela fidelidade a Deus através do cumprimento de mil preceitos externos, perguntam a Jesus: «Porque que transgridem os teus discípulos a tradição dos antigos?» (Mt 15, 2). É grande o contraste entre o simples e o complicado. Os escribas acusam Jesus e os seus discípulos de serem infiéis e descuidados na sua relação com Deus. Mas o Senhor aproveita a ocasião para mostrar onde está o núcleo de uma vida autenticamente fiel.

Uma fidelidade à base de conversões sucessivas

Uma vida verdadeiramente fecunda, pela qual Deus chama a alguém «servo bom e fiel», não está nem nas meras palavras, nem no mero cumprimento de preceitos externos, porque ambas as coisas podem acontecer sem que exista verdadeira fidelidade no coração. Jesus recorre a frases fortes do profeta Isaías para expressar isto: «E assim, em nome da vossa tradição, anulastes a palavra de Deus. Hipócritas! Muito bem profetizou Isaías a vosso respeito, ao dizer: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. É vão o culto que me presta, ensinando doutrinas que são preceitos humanos”» (Mt 15, 6-9). Quando se vive deste modo, explica Bento XVI, «a religião perde o seu significado autêntico, que é viver à escuta de Deus para fazer a Sua vontade (...) e assim viver bem, em verdadeira liberdade; e reduz-se à prática de costumes

secundários que satisfazem sobretudo a necessidade humana de se sentir bem com Deus»^[1].

Seguramente vários daqueles mestres da lei que nesse momento viviam com essa piedade externa e essa tendência para detetar as quedas dos outros, tinham saboreado na sua juventude a experiência do Deus verdadeiro. Certamente naquele momento longínquo tinham respondido com generosidade, com verdadeira alegria, à doce insinuação de partilhar a vida com Deus. Encontramo-lo em mais do que uma ocasião, em passagens deste tipo. Mas que se passou com esse primeiro amor? Certamente, não se poderia dizer que aqueles escribas foram *fiéis* apenas porque nunca deixaram a sua profissão de líderes religiosos. Mas então, que é a fidelidade?

Quando S. Josemaria reflete sobre o tipo de relação que une um cristão à Igreja, deixa claro que não se trata de um simples «permanecer». Não se trata unicamente de constar nos registos das certidões de batismo, de assistir a certas cerimónias e de figurar simplesmente como membro: «O cristianismo não é um caminho cómodo: não basta *estar* na Igreja e deixar que os anos passem. Na nossa vida, na vida dos cristãos, a primeira conversão – esse momento único, que cada um de nós recorda, em que advertimos claramente tudo o que o Senhor nos pede – é importante; mas ainda mais importantes e difíceis são as conversões sucessivas»^[2]. A verdadeira fidelidade não tem nada de passivo: não é um simples «não estar fora», mas exige uma atitude viva, aberta à novidade do tempo, feita de «sucessivas conversões». Para construir uma vida fiel devemos ter em conta que somos seres temporais, biográficos: construimo-nos ao longo do tempo.

A falsa segurança do imediato

O desejo de compreender com profundidade a realidade do tempo chamou a atenção de pensadores e artistas, desde a antiguidade até aos nossos dias. No cinema, por exemplo, são muitas as histórias que fazem experiências com o tempo: jogando com uma hipotética possibilidade de o interromper, de o fazer avançar ou retroceder, ou inclusive de o eliminar. A duração faz parte do

mistério da vida humana. «O meu espírito inflamou-se de desejos de conhecer este intrincadíssimo enigma»^[3], confessa Sto. Agostinho. Esta relação com o tempo adquire matizes especiais nos nossos dias, numa cultura cada vez mais acostumada ao imediatismo. Diante da possibilidade de viver «aqui e agora» muitos aspetos da nossa existência, desde a comunicação até à obtenção de bens ou emoções, torna-se estranho e inacessível tudo o que exige a passagem do tempo para frutificar, para desenvolver a sua beleza, para crescer. E a fidelidade encontra-se entre este tipo de experiências.

«Tempo» pode significar oportunidade, crescimento, vida..., mas também lentidão, fugacidade, tédio. Como ver no tempo um aliado, mais do que um inimigo? Como ver no tempo o canal querido por Deus para que cresça em nós uma vida feliz, cheia de fecundidade, de companhia e de paz? A fidelidade, não sendo nem uma emoção imediata nem um prémio instantâneo, está sempre acompanhada por alguma incerteza, por indeterminação; está sempre a realizar-se. E isto é bom porque exige de nós uma atitude constante de atenção; leva-nos a ser sempre criativos no amor.

Como se trata de um bem que surge entre duas pessoas, a fidelidade está sempre exposta à tentação de querer substituir esta «incerteza positiva», que necessita tempo, com seguranças construídas por nós próprios. No entanto, nessas "seguranças"; o outro costuma ficar de fora. Sim, podemos ver-nos tentados a eliminar mentalmente a outra pessoa, para a substituir por uma certeza imediata, criada à nossa medida. É o que sucede às vezes ao povo de Israel na sua relação com Deus: a Bíblia revela a fina fronteira que separa a fidelidade ao verdadeiro Deus da idolatria, a fé no que podemos construir e controlar com as nossas próprias mãos.

Impressiona a cena do povo amado por Deus a construir uma figura de metal para adorar. «Eles tiraram as argolas que tinham nas orelhas e levaram-nas a Aarão. Recebeu-as das mãos deles, deitou-as num molde e fez um bezerro de metal fundido. Então exclamaram: “Israel, aqui tens o teu Deus, aquele que te fez sair do Egipto”» (Ex 32, 3-4). O que é que os levou a uma tal confusão? O que é que os fez

pensar que tinham sido abandonados por quem na realidade os tinha resgatado e acompanhado no caminho? A resposta é nos dada pelas próprias páginas da Sagrada Escritura: fizeram-no porque «Moisés demorava a descer do monte» (Ex 32, 1). Foram traídos pela sua própria urgência em acelerar os tempos de Deus; deixaram-se levar pela necessidade de ter um seguro à mão, medível, quantificável, em vez de se abandonar à segurança da fé.

Que diferença existe então entre a idolatria e fidelidade? Adoramos falsos deuses quando nos deixamos seduzir pela busca da segurança; mas não uma segurança apoiada no amor de outra pessoa, no dom que é o outro, mas uma segurança baseada na autoafirmação: na garantia de que somos capazes de ter o controlo. Estas idolatrias encontraram muitas variações ao longo dos séculos que nos separam daquele episódio do bezerro de ouro. Hoje também assumem diversas formas: pessoas em quem colocamos expectativas que só Deus pode colmatar; a nossa carreira profissional, como lugar no qual colher aplausos; um *hobby* que preenche o tempo que devemos ocupar com os nossos seres queridos; ou inclusive aspetos da nossa piedade que em algum momento nos levaram ao verdadeiro Deus.

Em momentos de dificuldade, quando se agita o nosso interior e queremos fugir da vertigem do tempo, quando queremos afirmar que importamos, que não somos insignificantes, podemos cair na tentação de construirmos para nós mesmos deuses de metal. Fidelidade significa deste modo desmascarar essas seguranças de ‘papel machê’ e pôr a nossa confiança em Deus. «A fé é base da fidelidade. Não confiança vã na nossa capacidade humana, mas fé em Deus, que é o fundamento da esperança»^[4].

Os afetos ajudam-nos a conhecer a verdade

«A fidelidade abarca todas as dimensões da nossa vida, pois envolve a pessoa na sua integridade: inteligência, vontade, sentimentos, relações e memória»^[5]. Daí que Jesus reclame para Deus não só palavras nem só o cumprimento de certos preceitos externos, mas o coração: «Prefiro a misericórdia ao sacrifício», diz

noutra ocasião, citando o profeta Oseias (cf. Mt 9, 13). À pergunta de um fariseu acerca do mandamento mais importante, responde, também com palavras da Escritura: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento» (Mt 22, 37-38).

Nas suas catequeses sobre o Espírito Santo, S. João Paulo II explicava como a terceira pessoa da Santíssima Trindade «penetra e mobiliza todo o nosso ser: inteligência, vontade, afetividade, corporeidade, para que o nosso “homem novo” impregne o espaço e o tempo da novidade evangélica»^[6]. O Senhor, precisamente porque anseia pela nossa felicidade, não nos quer interiormente fraturados: empenha-se em que vivamos uma relação transparente com Ele, integrando cada vez mais nela a nossa inteligência, os nossos desejos, as nossas emoções e as nossas pequenas ou grandes decisões... tudo em constante amadurecimento no decurso do tempo. Para construir relações cheias de fidelidade, é fundamental esse desenvolvimento harmonioso das nossas faculdades.

«Quero também que tenhais afetos – dizia, neste sentido, S. Josemaria –, porque se uma pessoa não põe o coração no que faz, é pouco agradável e espiritualmente disforme»^[7]. Com frequência, no final dos seus encontros com todo o tipo de pessoas, o fundador do Opus Dei abençoava “os afetos”, os sentimentos das pessoas que tinham ido escutá-lo, precisamente por essa necessidade de pôr o coração no que fazemos. «Verdadeiro homem, Jesus vivia as coisas com grande emotividade. Por isso, sofria com a rejeição de Jerusalém (cf. Mt 23, 37) e, por esta situação, chorou (cf. Lc 19, 41). Compadecia-Se também à vista da multidão atribulada (cf. Mc 6, 34). Vendo os outros chorar, comovia-Se e turbava-Se (cf. Jo 11, 33), e Ele mesmo chorou pela morte de um amigo (cf. Jo 11, 35). Estas manifestações da sua sensibilidade mostravam até que ponto o seu coração humano estava aberto aos outros»^[8].

A afetividade é um espaço de formação, de crescimento, de aprendizagem; diz-nos coisas verdadeiras sobre nós próprios e sobre as nossas relações. Integrar este aspeto na nossa resposta a Deus é

imprescindível para poder tomar decisões que impliquem a nossa vida no tempo. Neste campo, é preciso estar atento para evitar dois extremos: o de quem nega o valor dos afetos, optando por os silenciar e fazer como se não existissem; ou o de quem converte o impulso afetivo na única instância de decisão. Em ambos os casos, o resultado é uma fragilidade que costuma desembocar ou na rigidez de quem se amarra a algum ídolo ou na desorientação de quem muda continuamente de rumo, deixando-se levar pela percepção mais imediata. Nenhuma das duas opções gera o terreno no qual pode crescer uma fidelidade alegre. Se não aprendemos a conectar as nossas emoções com a realidade que nos rodeia e com a nossa própria, surge o medo pelo futuro, o temor às grandes decisões, a fragilidade do «sim, quero» que um dia dissemos. Pelo contrário, uma formação afetiva que implique também a inteligência possibilita uma vida estável, na qual se desfruta das coisas boas e se leva com serenidade as menos boas.

Despertar a nossa vocação ao amor

Noutra dessas jornadas exaustivas, Jesus descansa junto ao poço. Uma mulher que não pertence ao povo judeu encontra-O ali. O Senhor conhece o coração da samaritana: sabe que teve uma vida tormentosa, que sofreu muito, que o seu coração está cheio de feridas. E justamente porque conhece o seu interior, os profundos desejos de felicidade que a movem, essas ânsias de uma verdadeira paz, introduz-se rapidamente no fundo da sua vida. «Disseste bem: “não tenho marido”, pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido» (Jo 4, 17-18), diz-lhe. A samaritana talvez se tivesse conformado à conclusão de que a fidelidade não é possível; talvez pensasse inclusive que não estamos feitos para coisas tão grandes.

Talvez tenhamos tido experiências semelhantes na nossa vida ou na de pessoas de quem gostamos. Mas tudo isso não é obstáculo para recomeçar uma vida de fidelidade, que é sinónimo de felicidade. Como a esta mulher que, apesar de não saber, está a poucos minutos de se converter em discípula, Jesus fala-nos de reescrever a nossa vida: «quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a

água que Eu lhe der há de tornar-se nele em fonte de água dá a vida eterna» (Jo 4, 14). Jesus sabe como entrar no coração ferido desta mulher: «dirigiu uma palavra ao seu desejo de amor verdadeiro, para a libertar de tudo o que obscurecia a sua vida e guiá-la para a alegria plena do Evangelho»^[9]. Cristo sintoniza com a profunda vocação ao amor da samaritana, toma conta da sua história e convida-a a uma nova conversão: é o «chamamento do amor de Deus ao nosso amor, numa relação em que a fidelidade divina tem sempre a precedência»^[10].

Andrés Cárdenas Matute

[1] Bento XVI, Angelus, 02/09/2012.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 57.

[3] Sto. Agostinho, *Confissões*, XI, 22.

[4] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 7.

[5] *Ibid.*, n. 1.

[6] S. João Paulo II, Audiência geral, 21/10/1998.

[7] S. Josemaria, notas de uma reunião familiar, 02/10/1972.

[8] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 144.

[9] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 294.

[10] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 2.

[Voltar ao índice](#)

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

«O Senhor desfez os planos das nações, frustrou os projetos dos povos» (Sl 33, 10) Este versículo do salmista pode ser um pouco duro para nós, se pensarmos nos nossos projetos pessoais. No entanto, se prestarmos atenção, o salmo refere-se concretamente à fragilidade do que se constrói sem Deus, pondo os fundamentos «sobre areia» (cf. Mt 7, 26). Portanto, o salmista continua: «Só o plano do Senhor permanece para sempre, e os desígnios do seu coração, por todas as idades» (Sl 33, 11). A Sagrada Escritura lembra-nos de muitas maneiras a fragilidade do que é puramente humano, por mais forte que pareça, perante a enorme solidez do que Deus inicia na história, apesar da sua aparente fragilidade. E o Opus Dei é precisamente um desses projetos do coração de Deus que, ao longo do tempo, se desenvolve de geração em geração.

Com a frescura do 2 de outubro de 1928

Se tivéssemos que resumir numa única frase o grande «projeto» do coração de Deus que é o Opus Dei, provavelmente poderíamos fazê-lo com aquelas palavras de Jesus que ressoaram no coração de S. Josemaria em 7 de agosto de 1931: «E Eu, quando for erguido da terra, atrairei todos a mim» (Jo 12, 32). Na realidade, este projeto do Senhor é muito mais antigo do que a Obra: é um projeto em andamento há mais de dois mil anos, o que explica a razão da vida de toda a Igreja; um projeto ao qual homens e mulheres de todas as raças, línguas, épocas e condições são convocados para formar um único povo. No entanto, em 2 de outubro de 1928, Deus quis dar um novo impulso a este projeto, criando uma nova família dentro da Sua Igreja. Assim resumiu S. Josemaria a intuição daquele momento: «Que, em todas as partes do mundo, existam cristãos com dedicação pessoal e libérrima, que sejam outros Cristos»^[1].

A Obra é muito jovem em relação à Igreja e a tantas instituições que surgiram ao longo da sua história. Mesmo assim, aproximando-se do seu primeiro centenário, e percebendo como as circunstâncias

históricas mudaram em relação ao momento da fundação, é lógico que nos perguntemos sobre o modo de continuar fiel a esse carisma divino. «O centenário será um tempo de reflexão sobre a nossa identidade, a nossa história e a nossa missão»^[2], escreveu o prelado do Opus Dei. A ideia de implantar, sob a proteção da Igreja, essa preocupação de ser cada vez mais fiéis, enche-nos de paz. O Espírito Santo soube fazer da Sua Igreja um povo fiel no meio de tantas vicissitudes da história, encorajando-a a não perder a sua frescura e a sua fecundidade. Por isso, é precisamente do interior da Igreja que poderemos transmitir o Opus Dei às gerações futuras, «com a mesma pujança e frescura de espírito que o nosso Padre tinha no dia 2 de outubro de 1928»^[3]. Contribuir para essa fiel continuidade também faz parte do nosso caminho.

Para ser milícia, cuidar da família

S. Josemaria usava frequentemente o binómio "família e milícia" para descrever a natureza da nova realidade que Deus lhe pedira para fundar. Portanto, uma continuidade fiel tem muito a ver com manter a atualidade dessa descrição, com manter esses dois pulmões bem oxigenados. Recordar que a Obra foi querida por Deus como família ajudar-nos-á, antes de mais, a ter em mente que os laços que nos unem não são primariamente o resultado da nossa livre escolha, mas da aceitação de um dom recebido, da mesma forma que não escolhemos os nossos pais ou os nossos irmãos. O peso que as afinidades de carácter, idade ou de outro tipo podem ter é secundário: não é decisivo na hora de oferecer o nosso afeto. É por isso que D. Javier, segundo sucessor de S. Josemaria, repetia muitas vezes: «Que vos ameis». É um convite a redescobrir a vida dos nossos irmãos, a não excluir ninguém da nossa amizade.

Este carácter de família do Opus Dei tem também, desde o início, dois traços fundamentais que poderíamos resumir da seguinte forma: somos um *lar* e temos um *ar de família*. O lar é o espaço que permite intimidade e crescimento num ambiente agradável de apreciação mútua. É evidente, então, a importância que o trabalho da Administração dos centros do Opus Dei tem para a continuidade

dos fiéis – «apostolado dos apostolados», como o chamava S. Josemaria –, e a necessidade do empenho de cada um para *fazer lar*.

Ao mesmo tempo, como acontece em todas as casas, também temos o nosso próprio *ar de família*, único, reconhecível em qualquer lugar, mas que também apresenta toda a variedade da extensão territorial da Obra. Este ar é marcado pela laicidade – somos cristãos no meio do mundo como todos –, pela elegância de quem valoriza os bons costumes na convivência e pela nossa própria história. Os costumes e tradições da vida familiar, que nos ligam à nossa origem, ajudam-nos a saber que fazemos parte de algo que nos transcende; eles dão-nos uma chave para nos situarmos adequadamente no mundo: não como indivíduos isolados, mas precisamente como membros de uma família. Além disso, os centros do Opus Dei sempre foram lares abertos a todos os que desejam participar das suas atividades; «devem ser lugares onde muitas pessoas encontrem um amor sincero e aprendam a ser verdadeiramente amigas»^[4].

Por outro lado, lembrar que o Opus Dei é milícia significa compreender a nossa vida nos mesmos termos que a de Jesus. Sendo que «não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem e a sua função de Redentor»^[5], nem nós cristãos podemos entender o apostolado como uma mera atividade externa, mas sim como algo constitutivo: «não fazemos apostolado, somos apóstolos!»^[6]. Nesse sentido, o Papa Francisco sublinhou que «a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo»^[7]. A Obra foi e é uma milícia porque existe para levar a todos os homens a felicidade da vida com Deus.

Do deslumbramento ao amor

O primeiro capítulo de *Forja* contém muitas reflexões de S. Josemaria sobre a vocação. O capítulo intitula-se

«Deslumbramento» porque um chamamento de Deus, quando autêntico, supõe uma assombrosa ampliação de horizontes, uma revelação do amor muito pessoal de Deus por cada um. O centro luminoso deste deslumbramento não pode ser outro senão Jesus, que é quem chama e a quem respondemos. No entanto, todos nós experimentamos como Cristo se serve da atração que os cristãos suscitam para se dar a conhecer: a Igreja participa da sua beleza (cf. Ef 5, 27). Por isso, o chamamento de Cristo para segui-l'O no Opus Dei acompanha o deslumbramento com a vida desta família: de uma forma ou de outra, todos sentimos que este era o *nosso lugar* para vivermos junto a Deus.

Se pensarmos na nossa vocação ao Opus Dei a partir da analogia com a experiência do amor humano, podemos encontrar algumas luzes para o nosso caminho. No amor entre os esposos, a passagem do tempo permite progredir do *apaixonamento* para o *amor*. É um progresso – não um retrocesso – em que um certo entusiasmo pode diminuir, em que as fraquezas da pessoa amada aparecem diante de nossos olhos. Mas é justamente essa "ligação à terra", esse contacto com a realidade, que permite que surja o verdadeiro amor: um amor pelo qual se é capaz de dar-se a alguém que não é perfeito, com a convicção de que é quem dá sentido à nossa vida. Nesse progresso, ambos encontrarão cada vez mais razões para se amarem, e a sua vida juntos adquirirá uma solidez que não tinha no início. Se, em vez disso, se deixarem invadir pela tibieza e desencanto, o amor retrocederá; não acontecerá esse passo necessário do apaixonamento ao amor. A tibieza, de facto, é uma doença da vontade, que parece incapaz de se mover depois de passado o entusiasmo; o desencanto, por outro lado, é um defeito da inteligência, incapaz de assumir adequadamente a própria imperfeição e a dos outros. Trata-se, então, de dois inimigos que devem ser desmascarados para viver do amor ao longo da vida.

Entenderemos, em primeiro lugar, que o *deslumbramento* pela Obra, como caminho de união com Jesus, constitui um sinal de vocação de que não se pode prescindir no trabalho de discernimento. Saberemos, mais tarde, valorizar o positivo de passar desse

deslumbramento inicial a uma consideração mais serena da realidade, para um deslumbramento mais profundo, mais maduro, superando situações ideais que nos incapacitariam de amar. Finalmente, seremos capazes de ler as nossas vidas na vida daqueles nossos irmãos e irmãs que «nos precederam no caminho e nos deixaram um testemunho precioso desse *vale a pena*»^[8].

Aumentar a herança

Característica de uma família é deixar uma herança, muitas vezes material, para a próxima geração. De facto, ao longo da história, o ato de deserdar um filho foi considerado um dos castigos mais terríveis que um pai pode infligir. Ao mesmo tempo, também é característico da família o desejo de aumentar a herança recebida, de passá-la, melhorada, às sucessivas gerações. Com o passar dos anos, os homens e mulheres que ingressam no Opus Dei recebem uma herança aumentada por aqueles que os precederam. Assim, ao espírito que Deus deu a S. Josemaria, um património fundamental do qual a Obra não pode ser descapitalizada, somam-se tanto alguns modos de viver o nosso espírito, próprios de cada momento, como algumas obras de apostolado corporativo, fruto da magnanimidade dos que nos precederam. A tarefa de cada geração será transmitir o espírito da Obra vivo e exuberante, adaptando essas concretizações acidentais, fruto de cada época, e renovando o impulso exigido pelas diversas obras apostólicas corporativas.

Este empenho de aumentar a herança do Opus Dei exige, antes de mais nada, um importante esforço pessoal para nos formarmos no espírito da Obra e aprofundar cada vez mais sobre a vida de S. Josemaria, conscientes de que foi o transmissor de um carisma divino. São as obras de Deus as que fecundam a história, e não as ocorrências humanas, por mais brilhantes que possam parecer à primeira vista. Portanto, será cada vez mais importante aprofundar a nossa compreensão do que Deus queria em 2 de outubro de 1928.

Em segundo lugar, convém que sintonizemos vitalmente com uma convicção de S. Josemaria que nos ajudará a «ser Opus Dei» nas nossas próprias coordenadas de espaço e de tempo: a

modernidade radical do Evangelho com respeito às diferentes culturas, sendo o primeiro o que vivifica as segundas. Assim, o verdadeiramente novo – o Evangelho, lido também à luz do carisma do Opus Dei – iluminará as sombras de algumas manifestações culturais, aparentemente modernas, que nascem da confusão e da mentira do pecado. Isso exige distinguir com sabedoria e delicadeza o que compõe o espírito daquilo que é uma coisa concreta que pode mudar e, de facto, mudou ao longo do tempo. Nesta área, o Papa exorta todos os cristãos a não se refugiarem no “sempre se fez assim”, porque esta atitude «mata a liberdade, a alegria, a fidelidade ao Espírito Santo que vai sempre em frente, levando a Igreja a progredir»^[9].

S. Josemaria resumia a perene novidade do espírito da Obra numa frase concisa: é, dizia, «velho como o Evangelho e, como o Evangelho, novo»^[10]. A consciência serena desta modernidade orienta-nos para um apostolado livre e responsável, que se adapta a cada um «como uma luva à mão», para transmitir o Evangelho ao nosso mundo. «Jesus Cristo ama especialmente aqueles que procuram ter a vida que Ele desejou e pregou», escreveu numa ocasião. «E o Opus Dei, sem normas acidentais rígidas, para não impedir com disposições antiquadas a adaptabilidade da Obra ao tempo, com realidades de união, paz e caridade, cria uma organização de católicos cultos e consequentes para a atuação social e pública»^[11].

Enfim, aumentar a herança do Opus Dei exige também – Deus e a Obra contam com isso – criatividade para revitalizar, quando for o caso, as obras de apostolado existentes e fazer surgir tantas outras novas, de tipos muito diversos. A fidelidade institucional às vezes levar-nos-á a esforçarmo-nos para manter obras que outros começaram dando-lhes o vigor que cada época exige. Melhorar o que outros começaram é sinal de maturidade de quem faz parte de uma instituição que avança no tempo.

Uma paternidade que continua

Embora algumas vozes no debate cultural tenham postulado a "morte do pai" como requisito para a emancipação do ser humano, as consequências dessa proposta estão à vista de todos e julgam-se por si mesmas: as pessoas encontram-se mais sozinhas e, portanto, são mais vulneráveis. O que deveria levar à liberdade levou a mais escravidão. Numa família, o pai não é, afinal, um obstáculo à liberdade, mas uma condição necessária para a própria família existir e cumprir a sua missão: permitir-nos amar, oferecer-nos um lugar seguro para crescermos de forma saudável.

No Opus Dei, a paternidade confiada ao nosso Padre continua na figura dos seus sucessores. Essa paternidade lembra-nos que somos filhos amados do Pai do Céu, anima o nosso amor a Deus e aos outros, sustenta-nos na fidelidade aos chamamentos de Deus e à herança familiar – o espírito da Obra – que cabe a todos cuidar. O facto de que corresponda ao prelado do Opus Dei, juntamente com os Conselhos que o auxiliam na sua tarefa de governo, o discernimento do que pertence ao espírito da Obra e do que é mutável^[12], não corresponde a critérios de organização institucional, mas à natureza familiar do Opus Dei no seio da Igreja. A paternidade na Obra é, portanto, mais uma prova da misericórdia de Deus connosco; é uma manifestação de que «o céu está empenhado em que se realize»^[13].

* * *

«Penso na Obra e fico ‘assombrado’»^[14]. Estas palavras de S. Josemaria não refletem a emoção passageira de um amor adolescente, incapaz de perceber as dificuldades e que anulava a capacidade de melhorar. Em vez disso, refletem o amor vivo daqueles que permitem que a graça de Deus trabalhe nos seus corações, ano após ano. Para sermos elos dessa corrente, na história que começou em 1928, precisamos de um coração assim.

Nicolás Álvarez de las Asturias

[1] cf. Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. 1.

- [2] Fernando Ocáriz, Mensagem, 10/06/2021.
- [3] Fernando Ocáriz, Mensagem, 19/03/2022, n. 12.
- [4] Fernando Ocáriz, Mensagem, 01/11/2019, n. 6.
- [5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 122.
- [6] Fernando Ocáriz, Mensagem, 14/02/2017, n. 9.
- [7] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 120.
- [8] Fernando Ocáriz, Mensagem, 19/03/2022, n. 5.
- [9] Francisco, *Meditações Matutinas*, 08/05/2017.
- [10] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 24.
- [11] S. Josemaria, *Instrução para a obra de S. Gabriel*, n. 14.
- [12] cf. Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 19/03/2022, n. 11.
- [13] S. Josemaria, *Instrução*, 19/03/1934, n. 47.
- [14] cf. Javier Echevarría, Carta pastoral, agosto 2014.

[Voltar ao índice](#)

NA SUA PUREZA ORIGINAL, NA SUA NOVIDADE RADIOSA

«Deixo-vos ditas estas coisas, para que, quando chegar a hora, vos lembreis de que Eu vo-las tinha dito» (Jo 16, 4). Estas palavras que Jesus pronuncia durante a Última Ceia projetam-se decididamente para o futuro: fazem com que hoje leiamos a sua oração sacerdotal como sendo dirigida a nós, como uma espécie de testamento sempre vivo. Grande parte do que o Senhor confia aos seus discípulos nesses últimos momentos refere-se ao envio do Espírito Santo: «Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa. Ele não falará por si próprio, mas há de dar-vos a conhecer quanto ouvir e anunciar-vos o que há de vir» (Jo 16, 13). Esta tensão em relação ao futuro deve levar-nos a perguntarmos, em todo o momento: «O que espera O Senhor, hoje de nós, os cristãos?». É a pergunta que se fazia o prelado do Opus Dei, poucos meses depois de receber esse encargo do Senhor. E respondia: «Que sejamos capazes de sair ao encontro das inquietações e necessidades das pessoas, para levar o Evangelho a todos na sua pureza original e, simultaneamente, na sua novidade radiosa»^[1].

Deus continua a entregar-se aos homens

A Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, núcleo da Revelação de Deus aos homens, sucedeu num lugar concreto e num momento histórico preciso. No entanto, não se trata de um acontecimento que tenha passado à história, como sucede com tudo o resto: o mistério pascal continua a dar fruto hoje. De facto, a Eucaristia, que é a forma sacramental desses eventos, não é apenas uma lembrança, mas é *memória, no sentido bíblico da expressão*: torna presente este mistério em todos os tempos; é entrega – *traditio* – do amor misericordioso do Pai ao mundo. Apesar de voltar a apresentar um acontecimento histórico concreto, a Eucaristia revela-nos que o valor da Páscoa rompe as barreiras do tempo para se inserir nos nossos

dias. E isso não sucede apenas com este núcleo da manifestação de Deus, mas, de certa maneira, com todos os ensinamentos de Jesus: Ele confia-nos a missão de entregar – *tradere* – essa Boa Nova em cada momento da história (cf. Mt 28, 19-20).

Esta missão, pela qual «a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita»^[2], implica necessariamente um progresso. Apesar de com frequência se considerar esta noção como oposta à da tradição, trata-se de um mal-entendido. Na realidade, ambas expressam um movimento harmonioso: tanto transmitir como progredir indicam abertura à história. E isso é o que faz a Igreja quando caminha entregando a sua vida aos homens e mulheres de cada época. O protagonista desta tradição, desta entrega, é o Espírito Santo, que torna eternas na história as palavras de Jesus; e ele também é o protagonista do progresso, especialmente através da vida de cada um dos santos, que «manifesta e dá a conhecer aspetos sempre novos da mensagem evangélica»^[3].

A frescura das origens

Este modo de ser da Igreja replica-se em cada uma das realidades vivas que constituem o único Corpo de Cristo. É também, portanto, o modo de ser do Opus Dei, «velho como o Evangelho e, como o Evangelho, novo»^[4]. Na Obra, como na Igreja, tradição e progresso formam um todo harmonioso, como também o formam a santidade e o apostolado. A santidade, com efeito, expressa-se na fidelidade a um espírito recebido de Deus e o apostolado desenvolve-se no meio de um mundo necessariamente mutável. Esta harmonia é um fruto do Espírito Santo, que nos estimula tanto a valorizar os ensinamentos recebidos, como a renovar a nossa esperança por abrir novos caminhos para levar o Evangelho ao coração dos homens e mulheres do nosso tempo.

Quando o que se transmite é uma vida, um espírito, um modo de ser, a fidelidade realiza-se necessariamente a partir da abertura à história. Aquilo que a Igreja entrega a cada época não são objetos, coisas inanimadas, mas uma forma viva, a *forma Christi* que está

chamada a transformar cada cultura a partir do interior. Quem, ao anunciar o Evangelho, renunciasse a compreender a situação histórica do seu interlocutor e a situação histórica da sociedade na qual se move, preocupando-se apenas em ensinar uma doutrina abstrata, como estando fixada de uma vez por todas, não estaria a transmitir fielmente a mensagem de Jesus Cristo.

Na *traditio evangelii*, a transmissão do Evangelho, a fidelidade assemelha-se à continuidade de um rio vivo, caudaloso, que nos põe em contacto com a frescura das origens. Bento XVI explicava como o Espírito Santo assegura «o vínculo entre a experiência da fé apostólica, vivida na comunidade original de discípulos e a experiência atual de Cristo na sua Igreja (...). A tradição – continuava – não é transmissão de coisas ou palavras, uma coleção de coisas mortas. A tradição é o rio vivo que nos conecta com as origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre presentes»^[5].

O Opus Dei transmite ao mundo um espírito, um estilo cristão de vida, uma compreensão da profunda relação filial com Deus que tem origem no Batismo. Este espírito, tal como a Tradição da Igreja da que faz parte, não pode nem deve ser codificado e especificado em todos os seus aspetos. Além disso, alguma concretização de hoje não continuará necessariamente vigente amanhã, porque o que se transmite ao longo do tempo não é tanto isso, mas um espírito filial com o qual vivemos em Cristo, capaz de dar vida em cada nova situação que a história apresenta. «Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar a frescura original do Evangelho – escreveu o Papa Francisco – nascem novos caminhos, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual»^[6].

Um *aggiornamento* na vida pessoal

Jesus deu aos seus discípulos a missão de chegar a todos os homens e a todos os povos, conhecendo a sua cultura e o seu contexto. Para expressar este desafio utiliza-se com frequência a palavra italiana *aggiornamento*, que literalmente significa renovar-se, atualizar-se. Utilizaram-na, por exemplo, S. João XXIII e os seus

sucessores para se referirem à missão do Concílio Vaticano II. Em si mesmo, o termo expressa o apelo para não perder relevância, para estar em sintonia com aquilo que as pessoas entendem ou experimentam. No entanto, houve quem empobrecesse o seu significado defendendo que a Igreja se «atualizasse», no sentido de vergar-se simplesmente às circunstâncias dos tempos, como quem «ajusta» a sua mensagem às exigências das diferentes novidades, perdendo em última instância a própria mensagem.

S. Josemaria não demorou a ir ao encontro deste segundo entendimento do termo. Em várias ocasiões, advertiu que não é a Igreja que se deve adaptar aos tempos, mas é cada época que necessita de descobrir a mensagem salvadora de Jesus Cristo: «O *aggiornamento* – dizia –, deve fazer-se, antes de mais, na vida pessoal, para a pôr de acordo com essa velha novidade do Evangelho»^[7]. Acrescentava também que uma pessoa que vive o espírito do Opus Dei, na medida em que trabalha no meio do mundo e está plenamente incorporada nos processos da sociedade, deveria estar naturalmente atualizada, *aggiornata*, atualizando também desta forma a sua missão.

Este dinamismo da fidelidade, explicou o Prelado do Opus Dei, realiza-se sobretudo como um «*aggiornamento* natural»: o de uma pessoa que encarna o espírito que transmitiu S. Josemaria. «É, sobretudo, no âmbito do apostolado pessoal – que é o principal na Obra –, e no de orientar com sentido cristão as profissões, as instituições e as estruturas humanas, que procuramos pôr iniciativa e criatividade, para construirmos uma relação de sincera amizade com muitas pessoas e para trazermos a luz do Evangelho à sociedade»^[8].

As pessoas que procuram encarnar o espírito do Opus Dei estão habitualmente predispostas, pela sua própria vocação, a esta «continuidade criativa». No entanto, essa disposição não é automática: para sermos criativos, é necessário «conhecer em profundidade o tempo em que vivemos, as dinâmicas que o atravessam, as potencialidades que o caracterizam e os limites e as injustiças, às vezes graves, que o afligem»^[9]. Se a ideia de

«adaptação» faz pensar numa série de forças que empurram no exterior, exigindo ajustar-se às novas exigências dos tempos, expressões como «fidelidade dinâmica» ou «continuidade criativa» olham mais para uma atividade no interior, a partir de uma vida interior vibrante, onde cada um pensa e atua com criatividade, num diálogo constante com a realidade que o rodeia.

A criatividade está, como tal, estreitamente ligada ao «profissionalismo» num sentido mais genuíno do termo; estimula a inteligência –*intus legere*, ler dentro– com que se penetra nas coisas, sem ficar à superfície. A criatividade é fruto do amor ao mundo e às pessoas, porque implica o esforço de procurar novos caminhos, sem ceder à facilidade de uma repetição literal do adquirido, que é sempre menos exigente para si próprio e menos eficaz para os outros. A criatividade é, finalmente, fruto da oração sincera: só olhando para Jesus, centro da história, se podem encontrar novos elementos-chave para entrar no coração dos nossos contemporâneos.

O discípulo fará obras maiores

Ao estudar como a doutrina cristã se foi desenvolvendo ao longo do tempo, S. John Henry Newman deu-se conta de que toda a pregação de Jesus continha, como uma semente, tudo o que o cristianismo chegaria a ser no decurso da história^[10]. Assim entende-se que tal como uma semente germina e floresce em função da qualidade da terra, das condições climáticas e das circunstâncias ambientais, o cristianismo deu lugar, no decurso da história, a fenómenos aparentemente inéditos que na realidade não são *absolutamente novos*, porque estavam contidos na semente. Contudo, é claro que aqueles frutos, com as suas cores e as suas fragrâncias, necessitavam de um tempo oportuno e das condições favoráveis para que cheguem a ser possíveis.

A fé dos primeiros discípulos na presença real do corpo de Cristo na Eucaristia, por exemplo, foi a semente que frutificaria muito tempo depois em forma de culto eucarístico fora da Santa Missa, na construção de igrejas ou na nossa adoração diante dos sacrários. No entanto, tudo isto não pôde começar a amadurecer até que, no século

IV, os cristãos começaram a contar com condições para desenvolver o culto eucarístico. Toda a *novidade* genuína remete para a semente de origem, quando ainda era invisível o fruto.

Algo de semelhante ocorre com o espírito da Obra. Certamente S. Josemaria recebeu a essência do carisma, o núcleo do que se transmitiria com o tempo, mas não podia prever tudo o que se originaria a partir dessa mensagem. Já durante a sua vida, de facto, teve a experiência muitas vezes desta realidade e é lógico que isto continue a suceder ao longo dos séculos. Rezando em voz alta durante a sua estada no Consulado de Honduras em 1937, expressava-o assim: «Pela misericórdia de Deus, sou o primeiro elo e vós sois também primeiros elos de uma corrente que continuará pelos séculos sem fim. Eu não estou só; há agora almas – e chegarão muitas mais no futuro – dispostas a sofrer comigo, a pensar comigo, a participar comigo da vida que Deus depositou neste corpo da Obra, que mal acaba de nascer»^[11].

Mons. Fernando Ocariz, numa das suas primeiras viagens como Padre desta família, referia em Madrid que qualquer etapa nova no Opus Dei «é uma boa ocasião para que cada um se proponha começar outra vez, para sentir a Obra nas nossas mãos com mais agradecimento e mais responsabilidade»^[12]. Jesus já tinha anunciado este dinamismo da vida aos seus discípulos na sua oração sacerdotal durante a Última Ceia: «Quem crê em mim, também fará as obras que eu realizo; e fará obras maiores do que estas» (Jo 14, 12). A novidade na continuidade, pela qual a árvore cresce e se robustece, é em suma o resultado da identificação com Jesus Cristo e da docilidade ao seu Espírito. No plano de Deus para os homens, são o Filho e o Espírito Santo que nos mostram porque é que a verdade e a história não se opõem: o Filho, a Verdade em pessoa, é Aquele para quem a história aponta e de quem toda a história recebe o seu sentido; e o Espírito, que guia a Igreja no seu caminhar terreno, é Aquele que nos conduzirá à verdade completa.

Giuseppe Tanzella-Nitti

- [1] Fernando Ocáriz, Mensagem, 07/07/2017.
- [2] Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, n. 8.
- [3] Bento XVI, Discurso, 19/12/2019.
- [4] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 24.
- [5] Bento XVI, Audiência, 26/04/2016.
- [6] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 11.
- [7] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 72.
- [8] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 10.
- [9] Fernando Ocáriz, Mensagem, 07/07/2017.
- [10] cf. S. John Henry Newman, *Ensayo sobre el desarrollo de la doctrina cristiana*, Universidad Pontificia de Salamanca, 2009.
- [11] S. Josemaria, *Crescer para dentro*, p. 87 (na versão original: p.85, AGP, biblioteca, P12).
- [12] Fernando Ocáriz, [Viagem pastoral a Madrid](#), junho e julho de 2017, em www.opusdei.pt

[Voltar ao índice](#)

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2024

[**www.opusdei.pt**](http://www.opusdei.pt)

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos